

## ENTREVISTA COM O PROF. EDUARDO JOSÉ VIOLA\*

**PERSPECTIVA:** Gostaríamos de ver em primeiro lugar como é que você vê a universidade, qual a função da universidade em relação à sociedade, nesse momento particular que o Brasil vive, bem como as questões que se colocam em termos de reforma universitária.

**PROF. VIOLA:** Vejo três grandes problemas na universidade atual. O primeiro deles diz respeito ao término da fase de articulação entre a universidade e o mercado de trabalho, não estou entrando no mérito dessa articulação, mas isso acabou por volta de 1980. A Universidade Brasileira tornou-se hoje irreversivelmente — dentro dos parâmetros dominantes ou ainda em parâmetros periféricamente modificados — uma produtora de desempregados. Isso aí para mim é um componente básico, um dos componentes básicos da crise da universidade, também em quase todo o mundo ocidental; no Brasil foi um dos últimos países a chegar. O Brasil conseguiu até 1980 ainda, produzir diplomados com alternativas de diversos tipos, mas alternativas de mercado de trabalho. A partir da década de 80, isso acabou; outros países chegaram muito antes a essa situação, na Argentina já chegou em 1960. Bem, esse é o primeiro problema fundamental para pensar a universidade. O segundo problema fundamental passa pela falta de criatividade na vida universitária, produzida, na minha opinião, por dois fatores. Por um lado, pela existência de duas décadas de regime político-autoritário e por outro lado pela ideologia de funcionário público acomodado, que foi se desenvolvendo na universidade como um dos mecanismos que de algum modo são produto do

---

\* Professor do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

Entrevista realizada em maio de 1985.

próprio regime autoritário. Esse segundo problema da universidade, a falta de criatividade, quase não foi enfrentado pelo sindicalismo docente. Ao mesmo tempo em que há, no sindicalismo docente, uma posição de renovação, está presente também uma posição niveladora por baixo, populista. O terceiro problema que eu vejo é o problema que passa pela crise de ciências, pela forma que hoje estão estruturadas as disciplinas científicas e o modo como as disciplinas científicas estão estruturadas define as carreiras na universidade. Então, na minha opinião, o modo como as carreiras estão estruturadas hoje torna o processo de aprendizagem extremamente não criativo, medíocre, fragmentado e essa fragmentação até foi produto e era útil para uma época determinada, correspondia com a fase de desenvolvimento do capitalismo selvagem na qual se expandia o mercado para as universidades. Mas hoje torna-se flagrante a inadequação da estrutura atual de carreiras com a sociedade. Então eu vejo, como resumo de tudo isso, a universidade profundamente apartada da sociedade, profundamente cortada da sociedade. Eu acredito que há, neste momento, presentes no Brasil três modelos de sociedade alternativos ao modelo dominante de capitalismo selvagem aos quais correspondem alternativas universitárias. O modelo social-democrata, que é o modelo que pode tornar-se dominante na Nova República seria corrigir a extrema assimetria social, um modelo que possa de algum modo tornar o Brasil um tanto mais igualitário socialmente, bem como um regime político democrático. Um segundo modelo que não tem praticamente possibilidade de viabilizar-se por razões políticas, seria o socialista-estatal, que corresponderia mais ou menos ao modelo das sociedades do socialismo real, com ênfase drástica na igualdade social, entendendo inclusive por igualdade social, homogeneidade social e cultural, estatismo, controle da sociedade civil pelo Estado e uma estrutura de civilização altamente centralizada. Os dois modelos se caracterizam pela centralização, ou seja, o social-democrata, e o socialista-estatal e estão inscritos numa cultura materialista. Os dois modelos têm uma visão de relação da sociedade com a natureza que é predatória. Eu acho que um terceiro modelo — seria o modelo de ecodesenvolvi-

mento — que embora esteja pouco presente no debate hoje, acredito que existem forças mais invisíveis na sociedade que apontariam na direção desse modelo. É um modelo que teria alguma viabilidade, ele poderá começar a surgir em alguns lugares do Brasil, dialogando e lutando com um modelo social-democrata em implantação e com a crítica socialista-estatal ao modelo social-democrata.

**PERSPECTIVA:** Esses pontos que você está colocando como uma possibilidade de transformação no sentido do que você falou, eles não estariam muito mais visíveis, muito mais presentes nas sociedades européias do que na sociedade brasileira?

**PROF. VIOLA:** Claro, estão muito mais visíveis nas sociedades européias; esse é um debate que já está totalmente implantado na Europa. Mas o problema, por várias razões, está emergindo no Brasil e vai se desenvolver, na minha opinião. Por quê? Pela alta interdependência ao sistema mundial e pelo fato que o Brasil é um dos pólos fundamentais do capitalismo mundial; também pela circulação das elites particularmente na cultura universitária, há uma grande recepção das idéias produzidas no Primeiro Mundo aqui no Brasil (antes que um país do Terceiro Mundo, é uma síntese do 1º e do 3º Mundo). Com tudo o que isso tem de negativo, por mimetismo cultural, e de positivo pela abertura para a mundialização, às idéias universais e tudo o mais. Então o perigo de tudo isso é o que o debate sobre uma sociedade pós-materialista, uma cultura pós-materialista se coloque repetindo os termos das sociedades européias e norte-americana, o qual seria um típico mimetismo cultural que tanto houve no Brasil. Mas eu acredito que também seja possível colocar esse debate em outros parâmetros. E precisamente o modelo de ecodesenvolvimento é um modelo para o Terceiro Mundo, não é um modelo para o Primeiro Mundo. O modelo de sociedade ecológica para o Primeiro Mundo, sociedade pós-materialista, é um modelo que passa pelo crescimento zero. Essa não é a questão do Terceiro Mundo, onde nós temos, como no caso do Brasil, 2/3 da população que não consegue satisfazer suas necessidades básicas, estão na miséria absoluta. Agora o problema é como se satisfazem essas necessidades da grande massa? Se satisfazem de

modo centralizado? Se satisfazem segundo os parâmetros do modelo social-democrata ou do modelo socialista-estatal, quer **dizer**, com uma civilização centralizada, burocrática e predatória da natureza? Ou é possível resolver o problema noutra direção que significa precisamente não repetir o caminho das outras sociedades?

**PERSPECTIVA:** Essa mudança gradual não vai manter a maioria das coisas como estão por um tempo muito grande? Ao passo que se houvesse uma ruptura a gente chegaria mais rápido — as condições faltam para isso — mas nós não estamos correndo o risco de manter muitas das coisas que estão aí durante muito tempo?

**PROF. VIOLA:** Totalmente. Quer dizer, o modelo que vai vigorar como dominante é o modelo social-democrata e ele vai se estabelecer, segundo os parâmetros atuais, gradualmente. Porque até poderia pensar no estabelecimento do modelo social-democrata por ruptura, essa é uma questão que vai ser definida nos próximos dois anos. Eu não descarto totalmente que haveria essa possibilidade porque há forças no interior da Aliança Democrática que apontam na direção de uma ruptura, do estabelecimento de um modelo social-democrata por ruptura. Isso passaria por uma série de medidas no campo da reforma tributária, da reforma agrária, imediatas e drásticas. Agora, certamente não é a proposta da atual linha dominante na política econômica; esta é mais o estabelecimento muito lento e gradual de um modelo social-democrata. O que hoje — maio de 85 — parece apontar é que o modelo social-democrata estará implantado no Brasil por volta do fim da década de 90. Quer dizer, estou colocando com isso também que há um novo bloco no poder, não é que vai continuar tudo como está, isto eu quero destacar. A idéia é passar do capitalismo selvagem para um modelo social-democrata muito gradualmente, muito devagar.

**PERSPECTIVA:** Você está colocando as novas tendências na área social. Como se daria isso a nível mais específico da Universidade que tem uma tradição própria? Eu colocaria,

digamos, quatro tipos de universidades no Brasil. Haveria o modelo estadual paulista da USP e UNICAMP; o sistema das PUCs, as federais e as faculdades particulares. Como se daria essa integração, essa modificação... porque têm algumas, como no caso da USP ou da PUC que têm modelos antigos, têm uma tradição própria, que vai resistir muito. Inclusive elas resistiram muito à implantação do modelo que os militares propunham. Como é que você vê essa área?

**PROF. VIOLA:** Eu teria muita dificuldade para falar de faculdades particulares e das federais homogeneamente, porque elas são muito diversificadas. Quer dizer, eu consigo imaginar daqui para frente uma temporalidade bem diferenciada nas mudanças universitárias. Eu posso imaginar universidades onde quase não acontecerá nada, até universidades onde poderá haver aberturas muito criativas, inovações muito grandes, para falar dos extremos. Eu realmente prefiro falar do modelo das federais, talvez daqui da UFSC.

**PERSPECTIVA:** Nesse sentido, só colocando uma coisa mais específica: como você vê essa integração? As federais, acho que em grande parte elas se colocam em relação às universidades que mais produzem conhecimento atualmente no Brasil, que são justamente a USP e a UNICAMP. Como você veria isso? E as federais de províncias que não têm status, que não têm tradição intelectual própria como é o caso da UFSC. Diferente, por exemplo, das federais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais ou Pernambuco e Rio de Janeiro que têm tradição própria. Logicamente, a função nesse estado seria diferente. De acordo com essas transformações, então, qual poderia ser a evolução de uma Universidade Federal em Santa Catarina, que tem uma peculiaridade própria de estar num estado que tem uma tradição cultural menos forte do que Rio Grande do Sul, Minas Gerais, etc. Quais os aspectos positivos e negativos?

**PROF. VIOLA:** Eu vejo como características desta universidade por um lado, a carência total de tradições intelectuais e isso como sendo um elemento muito negativo na vida de uma universidade. Mas esse elemento negativo tem um componen-

te positivo que a torna menos rígida do ponto de vista da inovação. Quer dizer, a oportunidade de surgirem propostas mais inovadoras é maior porque há estruturas menos esclerosadas, menos solidificadas, como há em lugares onde existem tradições intelectuais mais profundas. Eu enfatizo o problema da crise da ciência, ou seja, no que se refere ao fato de que o núcleo da produção científica contemporânea está voltado para fins militares. Eu tenho uma visão muito crítica da ciência; acho que o programa cartesiano, o programa da conquista da natureza, da natureza manipulável, é fundamental na construção da civilização que existe. E sou muito crítico da civilização que existe, esta civilização materialista, seja na sua vertente capitalista ou socialista. Para mim o problema não é puramente o problema de como produzir ciência em universidades onde não existem tradições científicas. O problema é como produzir um outro saber em universidades onde não existe tradição científica. Porque o problema não é que nós devamos produzir ciência para passar ao estágio pelo qual passaram as universidades norte-americanas ou a Universidade de São Paulo. A minha questão é que temos que caminhar por um caminho alternativo, que é a produção de um novo saber — eu estou falando de produção de saber na medida em que implica particularmente a autocrítica da ciência, ou seja, uma tomada de consciência de quanto a ciência está comprometida com as perversões da civilização contemporânea. Nós estamos hoje na beira do auto-extermínio da espécie. O auto-extermínio da espécie é possível, seja de um dia para o outro, pela guerra, seja pela crise ecológica que leva ao extermínio de um modo um pouco mais devagar. No Brasil, a situação é assim, não é que o Brasil seja diferente. Uma parte fundamental da produção científica brasileira está vinculada ao complexo militar-industrial, por isso o Brasil é o 5º exportador de armas do mundo.

**PERSPECTIVA:** Quer dizer, então, que no seu entendimento, a saída para a crise da universidade, que é uma parcela da crise da sociedade capitalista, estaria na medida em que a universidade se engajasse em propostas alternativas de produção do conhecimento, que significam propostas baseadas numa nova relação sociedade-natureza?

**PROF. VIOLA:** Numa nova relação sociedade-natureza, uma alternativa significa uma ciência, uma produção de conhecimentos que tem capacidade de distância crítica profunda e de ruptura em relação ao programa cartesiano.

**PERSPECTIVA:** E como se coloca essa saída em termos da relação Estado-Universidade?

**PROF. VIOLA:** O que eu vejo é assim: por um lado, é fundamental um aumento significativo do orçamento da educação, mas para haver um aumento do orçamento da educação, a gente tem que pensar quais os orçamentos que têm que diminuir e um dos que têm que diminuir fundamentalmente é o orçamento militar. Essa é uma questão em relação a qual eu acho que há muita ingenuidade no Terceiro Mundo, particularmente no Brasil, nos debates sobre a educação. No Primeiro Mundo não, porque precisamente as pessoas sabem muito bem que se colocam recursos de um lado, não colocam no outro. Bem, isso seria uma primeira questão. Um segundo ponto passa pela autonomia da universidade em relação ao Estado. Na Universidade a autonomia não pode ser absoluta, não pode ser a autonomia do academicismo estreito. Isso é um modelo que pode ser defendido e é defendido por alguns setores. Eu vejo necessidade de autonomia diante do Estado, mas abertura ao controle da sociedade civil sobre a Universidade. O que eu estou propondo é uma Universidade que tenha alguns mecanismos de controle da comunidade, mais precisamente das grandes majorias da comunidade e não das classes dominantes, mas enfatizo, sempre respeitando a especificidade acadêmica da universidade.

**PERSPECTIVA:** Qual seria, então, o significado da autonomia da Universidade nesse quadro que você colocou? Qual o conteúdo dessa autonomia?

**PROF. VIOLA:** Bom, o conteúdo eu imagino em termos de pesquisa, a necessidade de pesquisa básica que não esteja vinculada a nenhum retorno imediato, ou seja, a Universidade tem que ser um lugar onde seja possível pensar livremente, além de qualquer pragmatismo. E isso muito mais do que se faz

hoje, quer dizer, inclusive pelo fato de que há toda uma corrente de, digamos, reforma da Universidade, que é pragmatista, que diz: o problema é produzir conhecimento útil imediatamente. Eu acho que, pelo contrário, é fundamental produzir na universidade conhecimento criativo embora apareça para o paradigma dominante da época como inútil. Esse é um ponto fundamental. Outro é a produção de conhecimento aplicado e isso eu acho que é fundamental também. Quer dizer, acho que a Universidade tem que se basear nessas duas dinâmicas: a produção de conhecimento básico criativo e a produção de conhecimento aplicado. Agora, conhecimento aplicado para quê? Aqui tem que haver alta criatividade também e tem que haver um mecanismo de entrosamento universidade-sociedade, através do qual a universidade possa satisfazer as demandas fundamentais da sociedade na qual está inserida. Por sociedade na qual está inserida eu enfatizaria tanto a microrregião de Florianópolis quanto o Estado de Santa Catarina.

**PERSPECTIVA:** Você disse que via como um dos impedimentos dessa universidade criativa a questão da estrutura da carreira. Como, no seu entender, deveria ser a estrutura da carreira?

**PROF. VIOLA:** Eu vejo necessário um tipo de estrutura de carreira que fosse muito mais flexível, menos departamentalizada, que estimule a transdisciplinaridade, que estimule uma formação mais humanística. É fundamental voltar para uma formação mais humanística; e num contexto de uma cultura de massa isso implica valores pós-materialistas. E ao mesmo tempo é fundamental que a Universidade forneça algumas competências técnicas específicas. Mas eu vejo mais importante que essa formação se dê em geral no espírito de criação com maior ênfase na pessoa que no fornecimento de técnicas. O problema mais que nada é que a pessoa consiga ter a versatilidade suficiente para adquirir, toda vez que fosse necessário, novos conhecimentos técnicos. Nesse sentido, eu vejo necessário e possível a introdução na Universidade de todo um processo de reciclagem de universitários já formados. Então, uma



formação básica que seja marcada pelo princípio da transdisciplinaridade humanística, não no sentido cartesiano do humanístico, mas humanístico-ecológico. Assim uma mudança radical na universidade é necessária. Embora isso pareça utópico, porque a estrutura que já está montada é muito rígida, ao mesmo tempo a oportunidade existe porque a produção de desempregados da universidade já é um problema sem saída. Então é possível que essas idéias entrem no debate. Mas vão se defrontar com interesses criados muito grandes, vão se defrontar com um comodismo forte de uma proporção muito alta dos professores que já aderem ao sistema tal qual existe. Mas é possível inovar e é possível que a inovação se dê em bolsões, quase guetos; não é necessário que a inovação se faça em tudo simultaneamente, eu não vejo assim. Inclusive o próprio modelo de ecodesenvolvimento, vai partindo do local, essa chave de agir localmente e pensar globalmente. Então é possível ir fazendo essas inovações em diversos lugares, não se precisa inovar tudo de um dia para outro porque aí é muito difícil. Mas é possível ir produzindo inovações que sirvam como exemplos. Porque no fundo o único modo que você chega mais profundamente, em termos valorativos, aos corações e às mentes das pessoas é com a prática; com o discurso só não se chega. O único que chega é o discurso dominante, o discurso heteronormizante, que produz o homem privatizado, materialista, consumista.

**PERSPECTIVA:** E qual seria a função, o sentido dos cursos universitários, a partir dessa consciência de que a universidade hoje produz desempregados? A universidade não é mais uma formadora de profissionais; o que ela é então, em termos de ensino?

**PROF. VIOLA:** Eu vejo possíveis inovações aqui e lá, parciais, que produzem graduados universitários que sejam aptos, estimuladores e animadores do desenvolvimento alternativo. Por exemplo, o modelo social-democrata não vai resolver em absoluto a questão do desemprego, o que pode criar é um paliativo de seguro-desemprego, mas o modelo social-democrata é cen-

tralizado, são tecnologias duras, é capital intensivo, então vai gerar uma massa de desempregados. O modelo de desenvolvimento alternativo com tecnologias doces pode operar diretamente... a Universidade produzindo esse tipo de animadores, essas pessoas podem servir de animadores para constituição de formas alternativas de produção, cooperativas, de um cooperativismo ecodesenvolvimentista que funcione no interior do capitalismo social-democrata, numa relação tensa de diálogo e luta. Então o que pode dar é para reproblematicar a questão dos desempregados num sentido muito diferente. Permite criar ocupação produtiva que é muito diferente do emprego tradicional, um emprego que possa vir a ter características criativas, menos alienantes. Quer dizer, a universidade pode produzir graduados comprometidos com tecnologias doces e com desenvolvimento alternativo, com tecnologias que utilizam muita mão de obra e não capital intensivo. Então pode se abrir todo um espaço para os graduados universitários. A universidade não tem mais função em termos de produção de graduados no modelo capitalista, seja de desenvolvimento selvagem, seja social-democrata, porque é capital intensivo com tecnologias duras. É um modelo centralizado, predatório da natureza, profundamente imitativo; então não há espaço. Nós precisamos de uma nova universidade, que não seja uma universidade de Primeiro Mundo, nem também uma universidade cubana ou angolana, que são do socialismo estatal.

**PERSPECTIVA:** Uma lição das grandes universidades, um dos aspectos negativos, por exemplo, da USP ou do Rio é justamente pensar o universal ou pensar universalmente o nacional. Eu vejo como muito perigosa esta tentativa; que aliás foi feita também no governo militar, de regionalização — eu sei que não é bem o que você propõe. Mas eu acho que é muito importante digamos, no caso do nordeste; eu vejo por exemplo, como a Universidade da Paraíba bate muito sua estrutura com a da UFSC, acho que uma reflexão dos professores da UFSC sobre a realidade do Nordeste daria respostas

necessariamente diferentes das que são dadas em São Paulo. Eu veria como empobrecimento esse fechamento na Região Sul, embora eu ache lógico privilegiar o entorno e contorno imediato.

**PROF. VIOLA:** Eu concordo com você. Agora, a problemática civilizatória do nordeste é radicalmente diferente da Região Sul. Os problemas, a visão de mundo que norteia a vida da universidade, a civilização na qual está inserida é radicalmente diferente. O nordeste é uma civilização pautada por profunda heteronomia social, por tradições escravocratas onde o problema da miséria absoluta está flagrantemente presente, onde combinamos o latifúndio com a metropolitanização. Aqui na região sul nós temos assimetrias sociais que são, para parâmetros latino-americanos, relativamente baixas; uma distribuição da população bem mais equilibrada, não temos a população metropolitanizada, mas o predomínio de cidades de porte médio, ainda com uma proporção significativa da população em regiões agrárias. E também nós temos um padrão de desenvolvimento capitalista industrial e agrário muito diferente do nordeste. Nós não temos o problema da metropolitanização, nem de escalas brutais de miséria absoluta, isso faz uma diferença importante, embora nós tenhamos aqui em Santa Catarina uma cultura política também profundamente heteronomizante, ou seja, uma cultura política nordestina, mas aqui estou falando de cultura política, não de cultura civilizatória. Em termos de cultura política, nós somos bastante nordestinos, mas isso não é uma questão da região sul, é uma questão catarinense porque, por exemplo, o gaúcho, pelo contrário, tem a cultura política mais societalista do Brasil. Agora, eu acho que uma série de transformações que se foram dando na sociedade catarinense na última década criam condições para uma ruptura da cultura política nordestina, da cultura política heteronomizante bem hierarquizada, super clientelística; ou seja, que isso aí está erosionado neste momento.

**PERSPECTIVA:** Eduardo, nessa sua visão de universidade que está fundada num modelo político de ecodesenvolvimen-

to, quais as relações que a universidade deveria estabelecer com o Estado (com o poder de Estado)?

**PROF. VIOLA:** Nesse modelo de ecodesenvolvimento o que há é um privilegiamento da relação da universidade com a sociedade civil e uma autonomia em relação ao Estado, mas o que é mais fundamental é que há uma mudança na relação entre as diversas instâncias estatais. Quer dizer, no modelo capitalista selvagem, da mesma forma que no modelo social-democrata, há um predomínio profundo do Estado federal sobre o Estado estadual e o Estado municipal. No modelo de ecodesenvolvimento, as instâncias do Estado que passam a ser fundamentais, são instâncias regionais e locais. Então esta proposta está vinculada em termos de estrutura política ao neo-federalismo.

**PERSPECTIVA:** Você seria capaz de situar onde estariam os grupos inovadores dentro da UFSC? Onde estariam localizados; de repente, me veio o seguinte... existe dentro de determinados setores conservadores da Universidade pessoas que estão desenvolvendo trabalhos de ponta em determinada linha. Mas politicamente, são totalmente conservadores, no entanto dentro daquele trabalho da especialidade delas, estão na ponta, seria o caso de alguns pesquisadores do Tecnológico. E dentro daquela pequena área, estão fazendo um trabalho a nível de algumas universidades estrangeiras, enquanto pesquisadores. Em função disso, o que você vê em termos de grupos inovadores na universidade, seriam grupos inovadores do ponto de vista político ou inovadores do ponto de vista técnico...

**PROF. VIOLA:** Isso aí é interessante. Eu vou ter dificuldade para responder a pergunta em termos de mapa da universidade. Mas eu gostaria de declarar o que eu entendo por inovador. Há setores da Universidade que são reconhecidos como cientificamente relevantes, embora a produção científica que eles façam não tenha nada de inovadora, e seja profundamente reprodutora de um modelo de civilização centralizada. Inclusive estão no interior do núcleo "duro" da civilização mate-

rialista contemporânea. Então isso aí não é o inovador. Agora, inovador o que é? São os grupos políticos mais à esquerda, revolucionários? Também não é isso. Não acho que o inovador se defina em termos puramente políticos, no sentido tradicional de política. O que eu estou entendendo por inovador são indivíduos isolados e grupos de professores críticos do modelo de civilização dominante. Então, são grupos que se preocupam com a idéia de um desenvolvimento alternativo, tanto em termos de sociabilidade alternativa, quanto em tecnologias alternativas, quanto em modos de gerir a vida social e econômica alternativos.

**PERSPECTIVA:** Voltando à parte que você falou que existia um potencial de criatividade ou de inteligência na Universidade que era pouco visto. Se a gente compara, por exemplo, São Paulo ou Rio, também esses grupos em geral são externos, ou vêm do exterior ou vêm de outros Estados. São Paulo e Rio sempre concentraram os talentos, digamos do Brasil inteiro e do exterior. A diferença que você vê no caso de São Paulo é que tanto ao nível institucional, por exemplo, os jornais e editoras — Folha de São Paulo, Editora Ática e outras — procuram a Universidade. A nível social também existe uma consciência do que a Universidade pode produzir e que isso é interessante até em termos comerciais. E isso é o que falta aqui, é a outra cara da medalha de não ser metrópole, de que, por exemplo as idéias universitárias, tanto as oficiais como as contestadoras, não têm canais a nível de jornal, rádio, televisão, editoras, para penetrar, eles não procuram a Universidade. Eu não sei se não seria o caso desses grupos tentarem criar coisas alternativas ou procurarem... Logicamente que todo o sistema de comunicação em Santa Catarina se parece com a coisa política que há muito está concentrada nas mãos de grupos mais tradicionais. Eles são de certa maneira... não sei se são na verdade... eles são talvez não tão abertos à inovação... Mas digamos, talvez, isso explique um pouco porque a Editora da UFSC tenha crescido tanto ultimamente e tenha tido, digamos, comparativamente com as outras Universidades, mesmo mais tradicionais como a do Paraná, uma importância bem maior. Como você vê isso,

esse fato da Universidade estar criando os próprios mecanismos na ausência desses mecanismos. Como você vê essa possibilidade de desenvolver outros mecanismos, ou dentro da Universidade — as Revistas, por exemplo, ou a Editora — ou fora da Universidade. No caso de São Paulo, também os sindicatos procuram a Universidade, um organismo como o DIEESE, por exemplo. Aqui eu não sei se existe isso, talvez por não existir esses movimentos autônomos.

**PROF. VIOLA:** um dos problemas básicos é o caráter, a qualidade da sociedade civil daqui, sua baixa densidade organizacional autônoma, tudo isso sempre dificulta. Agora, por outro lado, isso não quer dizer que não possam se fazer múltiplas tentativas de criar jornais, revistas, que sejam alternativos à estrutura de comunicação de massas dominante. Então, por exemplo, vamos dizer a Editora da Universidade tem um papel, como você falou, bem relevante. A Editora da Universidade tem um problema parcial com o controle da qualidade do que se produz, a avaliação do que é publicado deveria ser mais rigorosa na minha opinião; isso seria uma questão. E a outra é que deveria haver uma política também de traduções de produções muito criativas, muito originais do Primeiro Mundo ou daqui, de outras regiões da América Latina, principalmente de sociedades que têm problemas similares aos nossos, no sentido de ser não-metropolitana ou pós-metropolitana; particularmente falo agora da área de Humanidades em geral. Há toda uma produção que não se traduz no Brasil, uma produção com a qual eu lido diretamente na minha vida profissional, que não se traduz, porque ela não é considerada relevante nas sociedades metropolitanas e as editoras estão nas sociedades metropolitanas — Rio, São Paulo — e que a UFSC poderia fazer. É todo um potencial na política de publicações de obras, de traduções de obras que não são tipicamente reconhecidas como as mais relevantes no eixo Rio-São Paulo. Claro que a política de publicações das editoras é comercial, a idéia é o que se vende e o que não se vende. Por exemplo: tem a obra de um autor, um sociólogo norueguês que se chama Johan Galtung, que tem uma obra vastíssima e fascinante, trabalhando muito

na reflexão sobre as sociedades não-metropolitanas. Ele não foi traduzido no Brasil, e é um pensamento que seria riquíssimo para nossa Universidade. Eu estou usando no meu curso, mas não está traduzido, tem que se usar em outras línguas. Tem textos dele sobre tecnologias alternativas que são valiosíssimos não só para a área de Humanidades, mas para a área Tecnológica também. Mas não é isso o que predomina nas linhas editoriais. Nas linhas editoriais o que predomina é o que se vende no mercado Rio-São Paulo, predominantemente livros que falam a respeito da modernidade metropolitana. É lógico é a realidade deles. Mas a nossa modernidade é substancialmente diferente em vários aspectos da paulista-carioca. Ainda incluindo o peso da Rede Globo, fazendo nossos corações e nossas mentes.

**PERSPECTIVA:** Você vê a pós-graduação como um foco inovador dentro da Universidade, como uma possibilidade de os cursos de pós-graduação estimularem esses grupos inovadores?

**PROF. VIOLA:** Claro, a pós-graduação é certamente fundamental em termos de transformação, do que tem havido de inovação nesta Universidade. Não digo que seja exclusivo, mas a pós-graduação foi fundamental. Também não estou falando que só seja transformadora e inovadora.

**PERSPECTIVA:** Como fica a questão... por exemplo, os cursos de pós-graduação, na sua maioria, são constituídos por professores "estrangeiros". E de repente esses professores não têm uma vinculação com essa realidade, então como fica essa questão em relação a um projeto que depende da microrregião?

**PROF. VIOLA:** Mas é aí que está uma das grandes incógnitas — quando vai se precipitar um processo de integração na sociedade, ou seja, as pessoas que pertencem à cultura imigrante deixarem de sentir-se imigrantes e passarem a enraizar-se, isto é um processo que pode ser muito demorado ou não. O que eu vejo é o seguinte: depois dos dois ou três primeiros anos, nos quais as pessoas têm um problema de adaptação brutal, che-

gando aqui à procura de, digamos, fugir da perversidade da vida metropolitana e acham que morar aqui é terrível, porque não têm tudo o que se perdeu. E estão muito privatizados, com uma grande sensação de frustração, de impotência. E está tão privatizado que não sabe que está cheio de gente com o mesmo problema, digamos, sabem, mas não procuram o outro para criar um novo espaço de sociabilidade. Então, de algum modo, esse privatismo devora os primeiros anos de vida aqui na maioria dos imigrantes, mas depois começa um processo de aceitação da realidade, com suas vantagens e desvantagens. Agora deixa de ser o parâmetro da cultura de origem, este começa a diluir-se um pouco e começa a aparecer a necessidade de viver o aqui-agora. A pessoa começa a ter uma rede social local. Então a partir daí que começa a ser relevante voltar-se a resolver o problema daqui, porque enquanto você está pairando, está ainda no referencial de origem, você não se interessa por isso aqui. Eu vejo que agora está acontecendo uma questão fundamental de mudança; está havendo uma quebra das estruturas do poder político tradicional na grande Florianópolis, que tem reflexos na prefeitura de Florianópolis e no governo do Estado. Esta é uma situação muito fluída e que vai repercutir favoravelmente na Universidade, na minha opinião. As oligarquias políticas tradicionais estão erosionadas, estão perdendo o poder, está se criando um novo cenário político e novos parâmetros simbólicos de legitimidade, donde o que pode ser uma campanha eleitoral agora em Florianópolis seria inimaginável há cinco anos atrás.

**PERSPECTIVA:** Mas, voltando um pouco à questão da autonomia... com relação a essa autonomia que se busca dentro da Universidade, essa autonomia também exige criatividade, exige uma série de tomada de posições de quem faz a Universidade, e de repente isso aí mexe nas coisas que estão consolidadas. Então o próprio movimento docente, o próprio corpo da Universidade forma uma parede a algumas coisas que se quer mexer, na medida em que você tem um projeto novo e que esse projeto novo mexe com as coisas que estão definitivamente consolidadas para alguns. Então como que você vê essa ques-



tão da autonomia com a questão do corporativismo da Universidade?

**PROF. VIOLA:** Eu vejo que em termos de democratização estão profundamente vinculadas a questão da autonomia da Universidade diante do Estado, com a questão da vinculação da Universidade com a sociedade civil, com a comunidade na qual a Universidade está inserida como já falei. Quer dizer, não podemos ter uma autonomia hiper-academicista, corporativa, garantias muito fortes de autonomia da Universidade diante do Estado e ao mesmo tempo ser a Universidade uma ilha na sociedade na qual está inserida. Esse seria um tipo de autonomia corporativa. Agora, autonomia democrática eu vejo que só se processa na medida em que a autonomia em relação ao Estado é acompanhada pela inserção da Universidade na comunidade, ou seja, pela penetração da comunidade e dos movimentos autônomos da sociedade civil, da comunidade, no interior da Universidade, ou seja, a capacidade desses movimentos sociais de processarem requerimentos, demandas à Universidade, que de algum modo criem uma nova legitimidade que também coloque a Universidade tendo que prestar serviços, tendo que responder a uma demanda da sociedade que está em volta. Então agora qual é o problema da Universidade aqui? É que nós estamos numa região onde quase não há movimentos sociais autônomos. Então, nesse sentido, a demanda para a Universidade se inserir na comunidade, na microrregião de Florianópolis, por exemplo, é uma demanda limitada, uma demanda até que pode aparecer mais de algumas propostas intelectuais do interior e exterior da Universidade, do que algo que venha de base da sociedade.

**PERSPECTIVA:** Em relação a esses, poderia chamar, “estrangeiros” da UFSC — há uma porcentagem bastante grande — a pergunta é a seguinte: em que medida essa abertura da UFSC — acho que não foi tanto um projeto político, um projeto consciente mas foi mais ou menos em função da falta de quadros no Estado, do excesso, digamos, de quadros no Rio Grande do Sul ou São Paulo — em que medida essa política de

abertura aos outros estados e a professores do exterior poderia continuar nos próximos anos? Como você vê esses grupos que estão na Universidade, na medida em que a Universidade já está formando pessoas daqui que vão logicamente lutar por empregos dentro da Universidade. Nós temos um precedente no caso da Paraíba, foi uma Universidade que abriu no Nordeste e a partir de um certo momento, em 78 por aí, houve uma reação enorme contra os do sul e contra os estrangeiros.

**PROF. VIOLA:** A Grande Florianópolis é uma região de alta imigração, embora a atual estrutura de poder local, seja no nível do poder político da Prefeitura, como na estrutura de poder na Universidade, está sob o controle de elites locais; quer dizer, ainda não se completou o processo de integração da cultura imigrante no interior da região. Essa região é de alta imigração. Por essa razão, eu vejo difícil reverter esse processo de abertura da Universidade para o mundo exterior; isso seria voltar a uma universidade localista, bem provinciana em termos de concepção, de recrutamento de professores, de idéias, do todo que uma Universidade deve ser. Eu não vejo que isso seja fácil de acontecer. Quando essa abertura ao exterior começou, abertura para fora do Estado de Santa Catarina existiam três grupos dentro da elite historicamente dominante na Universidade. Tínhamos um grupo conservador-arcaico que não queria saber de nada de abertura; tínhamos uma elite que queria abrir-se para modernizar a Universidade, significando isso fazer uma abertura instrumental, ou seja, que irá sempre tentar manter uma modernização conservadora, uma modernização por cima. E tínhamos um terceiro grupo que era uma elite que queria abrir genuinamente não instrumentalmente, para a partir daí criar uma novo patamar para a Universidade, mas não para manter necessariamente o controle de grupos de poder local. O grupo conservador-arcaico não existe mais praticamente, ele foi muito erosionado na última década de transformações sociais e políticas, ainda que a rede de poder que controla a Universidade hoje é uma rede de base local, ou seja, ainda não é possível ocupar cargos na cúpula da Universidade se você não nasceu em Santa Catarina. Isso é um

código não escrito; mas ainda é a legitimidade que domina o processo de sucessão na Universidade Federal de Santa Catarina. Eu acho que isso aí está por acabar, porque os critérios de localismo como critérios de legitimidade do poder se foram erosionando.

**PERSPECTIVA:** Você acha que é possível uma articulação independente da UFSC com a cultura universal, com as novas informações que se geram a nível mundial, independente, por exemplo, dos outros canais dominantes no Brasil, no caso, Rio e São Paulo?

**PROF. VIOLA:** Eu vejo não só possível como necessário. Todas essas questões que mexem com o problema do complexo de inferioridade da UFSC em relação às Universidades centrais do país. Então o problema é que as Universidades centrais do país estão no interior de parâmetros civilizatórios e culturais da metropolitanização e nós estamos numa sociedade não metropolitana o que é uma grande vantagem. O fluxo de informações para chegar aqui passa predominantemente pelo eixo Rio-São Paulo. Eu vejo isto desnecessário e, em medida significativa, nocivo, porque nos traz, nos filtra a cultura universal em termos da metropolitanidade do Brasil, do parâmetro da civilização e da cultura metropolitana no Brasil. E nós podemos relacionar-nos diretamente com as culturas pós-metropolitanas que há no mundo. Quer dizer, há todo um desenvolvimento de universidades de parâmetros de produção científica e cultural em várias regiões do Primeiro Mundo, em particular, que precisamente enfatizam a perversidade da metropolitanidade, que enfatizam novos modelos universitários que não são mais dependentes da metropolitanidade e da sua problemática e nós deveríamos relacionar-nos diretamente com esses centros universitários e com essas sociedades.

**PERSPECTIVA:** E as condições internas da UFSC para isto? Existe um determinado potencial intelectual hoje na Universidade que possibilitasse isso que estás colocando?

**PROF. VIOLA:** Sim, acho que sim. Eu acho que existe um potencial intelectual da UFSC muito mais profundo que o que

está visível. Quer dizer, inclusive pelo caráter das transformações que se processam, há nesta Universidade professores que têm uma atitude, uma mentalidade muito criativa e uma alta produtividade em termos de conhecimentos. Só que há é que esses professores estão um pouco recolhidos, insíveis em diversos lugares na Universidade, porque o parâmetro visível é um parâmetro bem mais tradicional. A Universidade invisível contém potencialidades desconhecidas para a maioria das pessoas que não têm agudeza para perceber o invisível no interior do tecido social, principalmente porque é nesse invisível que estão muitas das transformações ocorridas na última década, em termos do que foi a cultura imigrante penetrando na Universidade. Eu tenho a sensação — eu já tenho percorrido várias universidades — que o potencial que tem aqui é alto. A rigidez do poder político é muito alta aqui na cúpula da Universidade, sem dúvida, mas a rigidez acadêmica em termos da formação de grupos, de linhas de pesquisa são bem menores que noutros lugares. Há uma abertura grande, então aqui têm surgido grupos de reflexão, de pensamento, de pesquisa, que se colocam na fronteira da reflexão que se faz no mundo.